

## A divulgação da iatroquímica na Inglaterra do século XVI e sua inserção na farmacopéia inglesa.

Ivoni Freitas-Reis<sup>1\*</sup> (PQ), Danielle Lobo Justo Pinheiro<sup>1</sup>, Ingrid Nunes Derossi<sup>1</sup>, João B. A. dos Reis<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Química – ICE – Universidade Federal de Juiz de Fora, Campus Universitário, Martelos, CEP 36036 900, Juiz de Fora, MG, Brasil. *Ivoni.reis@ufff.edu.br*

<sup>2</sup>Centro Universitário de Caratinga - UNEC

Palavras Chave: Paracelso, galenismo, quimicamente preparados, iatroquímica.

### Introdução

Neste trabalho propôs-se um estudo sobre o acirrado debate gerado a partir dos medicamentos quimicamente preparados, dos paracelsistas, e os estudiosos da escola de medicina ainda vigente na Europa do final do medievo e início do renascimento, isto é, do galenismo. Tal debate, iniciado no primeiro quartel do século XVI angariou adeptos por todo o século XVII e acabou por contribuir com a divulgação dos medicamentos quimicamente preparados, sobretudo em solos inglês e francês.

### Resultados e Discussão

Várias doenças que surgiram com os descobrimentos mostravam-se resistentes aos métodos utilizados pela medicina humoralista, única forma de conhecimento médico aceito e divulgado pelas universidades européias de então.

A peste, a sífilis e outras doenças que eram resistentes aos referidos métodos levaram a uma crescente procura por novas formas de curar. Os elixires de Razes e as quintessências de Arnaldo de Vilanova tornaram-se a grande esperança para muitos médicos dos séculos XV e XVI (Alfonso-Goldfarb, 2001 pp. 145-6). Nessa busca, vários estudiosos se insurgiram contra a corrente médica hegemônica, mas ninguém com tamanho entusiasmo e resistência como estudioso da Basíleia, Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, o Paracelso, (1490 - 1541).

Ainda que mais que o continente, a Inglaterra tendia a aceitar os medicamentos quimicamente preparados – o que não se pode dizer da filosofia de Paracelso como um todo – até mesmo devido aos resultados obtidos com o seu uso, na cura de várias doenças resistentes aos medicamentos da medicina humoralista. Esta aceitação se dava também, possivelmente, pelo fato de que os primeiros textos sobre medicamentos químicos a adentrarem a Inglaterra tenham sido traduzidos por estudiosos muito respeitados pelos acadêmicos ingleses da época, como Conrad Gessner e Hieronimus Brunswig. (Debus, 1996, p.50).

Entretanto, o uso de produtos minerais como medicamentos, para muitos, continuava sendo um

tanto contraditório e assustador. Embora tal prática seja muito anterior ao século XVI, Thomas Erasto (1524-1583) acusava Paracelso de promover o uso interno de venenos letais. (Debus, 1996, p.51).

Deste modo, seguidores de Paracelso e de Galeno começaram a se manifestar e uma intensa troca de panfletos entre paracelsistas e galenistas se instaurou em solo inglês e francês.

Vale também recordar que uma das interferências para aceitação da iatroquímica, ou quimiatría, se devia ao fato de que todos aqueles que trabalhavam com preparados químicos eram chamados de paracelsistas, e muitos charlatães vendiam remédios preparados quimicamente.

### Conclusões

De toda maneira os calorosos debates efetuados na Inglaterra do século XVI sobre a iatroquímica de Paracelso ganhou ardorosos seguidores e ferrenhos inimigos. Muitos médicos, bastante respeitados na Inglaterra e na França, como Joseph Duchesne, Jean Béguin e Conrad Gessner, apenas para citar alguns, embora declaradamente galenistas passaram a incorporar os medicamentos químicos a sua forma de tratar (Freitas-Reis, 2006).

Possivelmente, como resultado desse debate, em 1618, várias sessões na farmacopéia inglesa, foram reservadas aos remédios quimicamente preparados e no prefácio se retratava a eficiência deles para tratar enfermidades difíceis. (Debus, 1996)

### Agradecimentos

A UFJF por conceder condições de realizar esse estudo e a FAPEMIG pelo auxílio financeiro.

ALFONSO-GOLDFARB, A. M. *Da Alquimia à Química*. São Paulo, Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda, 2001.

DEBUS, A. G. *The English Paracelsians*. New York: Franklin Watts Inc., 1996.

DEBUS, A. & WALTON, M. (orgs). *Reading the Book of Nature: the other side of the Scientific Revolution*; Kirksville, Sixteenth Century Publ., 1998.

Freitas-Reis, Ivoni. "A Farmácia e a Medicina Química na Inglaterra Quinhentista: O Caso de R. Bostocke". *Tese de Doutorado*. Cesima, PUC-SP, 2006.

PAGEL, Walter. "Paracelsus: Traditionalism and Medieval Sources". In *Medicine, Science, and Culture*. Edited by L. Stevenson and R. Multhauf. Baltimore, Johns Hopkins Press, 1968.

WEBSTER, Charles. *De Paracelso a Newton: La Magia en la Creación de la Ciencia Moderna*. Trad. de Ángel Miquel y Claudia Lucotti. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.